

NAUFRÁGIO NA BELEZA E AFETIVIDADE DO ARQUIPÉLAGO DE MAIANDEUA: BREVE ENSAIO ETNOFOTOGRAFICO

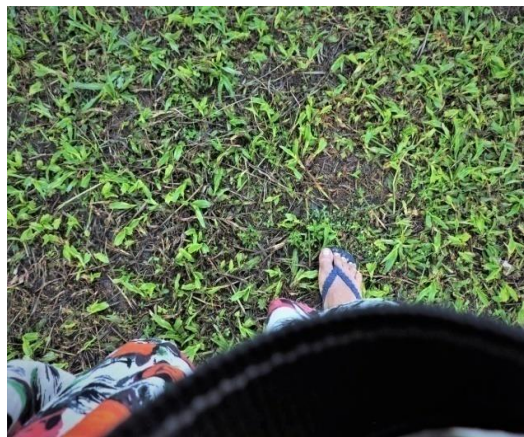
Maria de Nazaré Barreto Trindade¹

Cabelo da maré nos olhos verdes (Chico Braga)

Dedico esta breve narrativa à memória de Francisco Paulo Monteiro Braga, Chico BRAGA – Mestre praiano de Carimbó e a Prof. Dra. Denise SCHLAAN - pesquisadora voraz das coisas daqui e de lá.

CHEGANÇA

Seres datados, 2 de março de 2018. Roupas leves. Sandálias. Uma câmera, um caderno de campo, canetas. Cadinho de aventura chegar por Maracanã na ilha de Maiandeuá. Do tupi-guarani “Mâyandeuá” ou lugar de muitas mães. Tem seu nome associado à mãe-do-rio, mãe-do-luar, mãe-do-manguezal, mãe d’água (Pierre Azevedo, 2015). Dista 35 km da sede de Maracanã por via fluvial. Quem nos abrigará será Fortalezinha – vilarejo da ilha, na região do Salgado, nordeste do Pará. O carro nos levou até



¹ Graduada em Matemática (UFPA), Graduada em Letras (UFPA), Especialista em Educação e Problemas Regionais (UFPA), Mestra em Estudos Literários (UFPA). Doutoranda em Antropologia com ênfase em Antropologia Social na UFPA/2017. Áreas de interesse: Identidade; Cultura; Memória e Literatura Negra.

Maracanã. Numa rabeta prosseguimos viagem pelo rio de mesmo nome; entramos pelo furo de Mocooca até uma localidade chamada São Tomé. Ali descemos e caminhamos até Fortalezinha. Longa caminhada vendo a ilha e observando suas belezas e também a destruição de casas e encostas pela força das marés do final do ano de 2017 e início de 2018.

A Área de PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) Algodoal- Maiandeuá criada pela lei estadual 5.621 de 27 de novembro de 1990 com uma área de 2.378 hectares é um ambiente paradisíaco, ornado por uma flora deveras diversificada. Fomos recebidos por um povo cuja marca é a gentileza. O caminho, orvalhado pela chuva do dia anterior, abria-nos a paisagem e a certeza de um longo percurso, que agregou uma série de observações e afetividades em torno da beleza da paisagem, da diversidade da fauna e da flora, além de muita emoção e aventura.

A história local guarda com afeto o nome de Chico Braga e sua cantoria de carimbó. Dono de uma voz rouca, forte, o cantor nasceu no Município de Magalhães Barata e há 50 anos fez pousada em Maiandeuá, tornando-se quase que uma lenda do lugar e versejando sobre as suas paisagens como na epígrafe desta narrativa, para Chico Braga uma descrição da princesa encantada que habita as lendas em torno da Lagoa da Princesa em Algodoal e que junto ao santo padroeiro compõem parte do imaginário dessa região do Salgado paraense. Em 2015 o mestre de carimbó foi homenageado no vídeo-documentário “Mestres Praianos do Carimbó de Maiandeuá²” produzido pela Lamparina Filmes com a colaboração da Prof. Denise Schaan da UFPA.

Na areia escrevi meu nome
 Com o bico de um beija flor
 Todo mundo estão falando
 E eu tenho o meu valor
 Todo mundo ouviu, ouviu
 Já ouviu falar
 Na ilha de Maiandeuá
 Chico Braga é popular

²Mestres Praianos do Carimbó de Maiandeuá - Projeto contemplado no Edital de apoio para Curta Metragem – Curta-Afirmativo: Protagonismo da Juventude Negra na Produção Audiovisual em 2012. Esse documentário foi produzido com a colaboração da prof. Denise Schaan pela Lamparina Filmes, produtora independente que tem como sócios fundadores, Artur Arias Dutra e André dos Santos, que atuam há vários anos no ramo audiovisual. (Portfólio)

UM PORTO, lugar de travessia

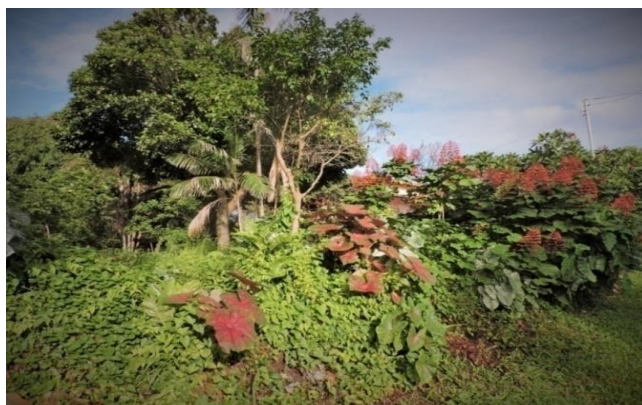
O porto guarda esse sentido de vidas em trânsito, em travessia. Chegar a Fortalezinha só é possível via embarcação. Por este motivo, rabetas e barcos de pequeno porte chegam até a praia para fazer transporte de pessoas para as vilas próximas, os pontos turísticos, enfim para as praias do entorno que constituem a beleza deste arquipélago.



Ponto de embarque na praia para alguns lugares turísticos DA ILHA.

MAIANDEUA- Sua biodiversidade³

Lugar de uma rica biodiversidade, conceito que agrega além da diversidade genética e da diversidade de espécies, a diversidade ecológica segundo o conselho nacional de pesquisas dos EUA (*National Research Council*, NRC). Assim substituiu-se diversidade biológica por biodiversidade que amplia o horizonte e foi assumido por ambientalistas, líderes políticos e cidadãos no mundo todo.



Flora- arbustos, plantas e árvores de grande porte na rua principal de Fortalezinha

³Consultar: <https://uc.socioambiental.org/para-entender/o-que-%C3%A9-biodiversidade> LEWINSOHN, T. M. e PRADO, P. I. K. L.. "Síntese do Conhecimento Atual da Biodiversidade Brasileira". In: LEWINSOHN, T. M. *Avaliação do Conhecimento da Biodiversidade Brasileira*. Ministério do Meio Ambiente – MMA, Brasília. 2006. Vol. 1. 269p.



Palmeiras e outros tipos de árvores próximas à praia

PAISAGEM- AS ÁGUAS



Praia de Fortalezinha ao entardecer



Maiandeuá tem 19 quilômetros quadrados de praias com grandes extensões de areia e manguezais. São quatro vilas: Algodal, Fortalezinha, Camboinha e Mocooca. Algodal é a maior das quatro. As vilas são separadas entre si por manguezais e canais de maré. Aos atrativos naturais da ilha juntam-se as atrações musicais noturnas- reggae e muito carimbó- ritmos cuja base é o batuque e que compõe o cenário de retorno às origens de nossa ancestralidade posta em subalternidade no espaço amazônico por efeito de um processo colonizador destrutivo não apenas do corpo, mas de toda uma história simbólica e ritualística.

As águas que deságuam em Maiandeuá são oriundas da Baía de Marapanim, do Oceano Atlântico, e do Canal da Mocooca. Mestre Chico verseja sobre:

Minha praia linda
 Tem cheiro da flor
 Minha praia é linda
 Linda pra fazer amor.

Na nossa primeira noite em Fortalezinha, uma lua cheia, nua e bela ornava o céu e espelhava-se nas águas da praia. Neste dia ouvi um morador relatar histórias do local e dizer que estávamos na República de Maiandeuá e que ali quem mandava era o povo.

A FORÇA DA NATUREZA

E o mar
 Com suas águas bravias
 Levar consigo o pó dos nossos dias
 Vai ser um bom sinal
 Os palácios vão desabar
 Sob a força de um temporal (J. Nogueira)

As águas de março com sua robustez líquida derrubaram diversas palmeiras que vicejavam na praia. As águas a cada ano mais bravias arrastaram casas e trouxeram o **lixo oceânico** e estão levando as pessoas a se retirarem de próximo ao mar e abandonar suas casas e locais de trabalho.

Chico Braga, morador durante 50 anos na ilha e guardião de algumas lendas sobre a Princesa que habita algodoal, fala sobre as enchentes e conta em entrevista a Rádio Cultura¹: “Eles não escutaram o que a princesa falou..”. Tece uma narrativa em torno do meio ambiente: a enchente. E continua: ela (a princesa) veio e falou comigo.: **Chico vai dar uma enchente porque tem gente querendo tomar a minha ilha.** Chico Braga retirou a sua casa do lugar...uma semana de enchente ...disseram que era maluco ...e ele conta que os donos de bares que não ouviram perderam seus empreendimentos e por conta desta ocorrência o mestre fez a seguinte letra de carimbó:

Ninguém me ouviu
 O que a princesa falou
 Veio a dita enchente
 Muitas coisas desmudou
 Na praia da princesa
 Tristeza que ninguém viu
 Abalou **nossa maloca, tocaia grande, o bar do Gil** (Chico)
 E veja só o que restou: **foi o bar da Julia ,Dodico e Do Tocador .**

A força das águas e os espaços abandonados na ilha são retratados nas imagens a seguir::

¹Entrevista concedida por Chico Braga ao programa Canta Pará da Rádio Cultura em 9/3/2014.



A maré atravessando a floresta.



Palmeiras caídas na praia após uma noite de lua e marés cheias

O LIXO OCEÂNICO

A narrativa em torno do lixo que chega à praia de Fortalezinha e que tivemos oportunidade de observar é que vem do continente trazido pelas águas oceânicas. Segundo um morador até garrafa de whisky ainda fechada já chegou na maré, muito plástico, que se enrosca com cipós e bordam a beira da praia de um tom desolador só abstraído pela beleza do lugar.



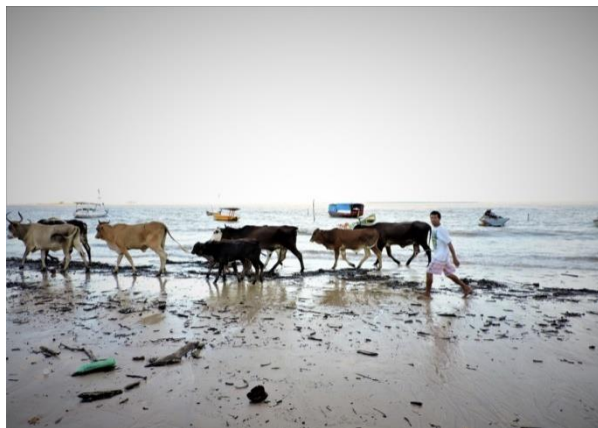
Escultura do lixo- e bar abandonado devido à força das águas

AS PESSOAS – O Trabalho

O decreto federal n. 6.040 de fevereiro de 2000 define como **Povos e Comunidades Tradicionais** os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Para a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha “O emprego do termo “populações tradicionais” é propositalmente abrangente. A população que habita as vilas do arquipélago de Maiandeuá estariam então entre essas populações, uma vez que possuem um território demarcado como APA, e ali estabelecem práticas próprias de bem viver.

Em nosso último dia de expedição em Fortalezinha paramos na casa de uma senhora muito gentil que nos ofereceu coco. Ela estava preparando o sarnambi. Pude escutar sua filha descrevendo como tiram o molusco no mangue, ficam à espreita esperando uma conchinha se mover na terra e metem a mão retirando do fundo uma quantidade delas. Fazem uma lavagem, cozinham e retiram a parte comestível do molusco e após encher sacos de 1kg vendem a unidade a R\$15,00. Portanto, além do consumo para alimentação familiar, o molusco é uma interessante fonte de renda para os pescadores de Maiandeuá.

Segundo a técnica em gestão ambiental do Ideflor-bio, Ellen Thaís Azevedo, “é necessário o estudo do manejo, viabilizando o aproveitamento racional e sustentável do sarnambi. “Além de patrimônio, o sarnambi é um bem cultural, no qual a sua utilização como valor agregado a diversas manifestações oferece a potencialidade de desenvolver a gastronomia e o turismo.”¹. O artigo de Pierre evidencia que “A economia das vilas é voltada à prática da pesca artesanal, agricultura familiar e criação de animais de pequeno e médio porte, além do comércio e serviços informais”.



Tirada do sarnambi e pastoreio.

LOCAIS DE SOCIABILIDADE



A praça



O local da oficina de Fotografia

Na vila de Fortalezinha não vemos carro, possivelmente seguindo a orientação de APA Como é área de Proteção Ambiental (APA), veículos de tração motorizada são proibidos de circular na ilha, exceto ambulâncias e viaturas de polícia. Sob essas condições, quem não for adepto de longas caminhadas pode optar por utilizar bicicletas, charretes ou barcos, únicos meios de transporte

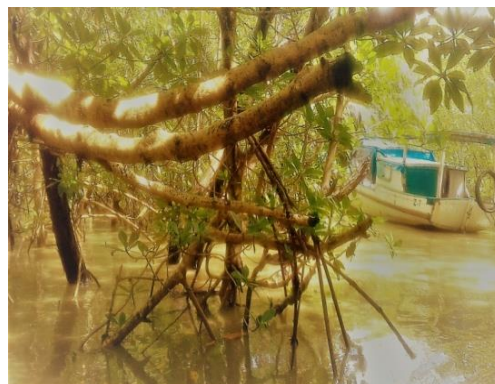
¹Ver site:<http://ideflorbio.pa.gov.br/blog/2017/05/31/>

utilizados pela população local. Na ilha alguns espaços compõem o rol de uma sociabilidade – quando a juventude se encontra para bater um papo, dançar, beber. Entre esses espaços as praças, os campos de futebol, as igrejas, os espaços de associações civis, como por exemplo, da associação de pescadores.

ESPAÇO LÕKAHI - CASA DO CARIMBÓ

À atividade da oficina de fotografia associamos um reconhecimento espacial e afetivo do lugar. Uma noite descemos uma ribanceira para chegar ao bar do Catituonde o grupo os “Filhos de Maiandeuá” fazem o seu carimbó. Um bar aconchegante, cujo chão é a própria areia da praia. Neste dia bem molhada, devido a maré alta. Segundo Vicente Salles, Bruno de Menezes, poeta paraense, mais que isso um estudioso da cultura da região “sugeriu a classificação do carimbó em três tipos”, segundo a área de distribuição: 1 – Carimbó praieiro, da zona atlântica do Pará (Salgado); 2 – Carimbó pastoril (Soure, Marajó); 3 – Carimbó rural ou agrícola (Baixo Amazonas: Santarém, Óbidos e Alenquer).¹

A base do Carimbó Pau e Corda, são os instrumentos de percussão como o curimbó, as maracas, o reco-reco, o milheiro, etc., acompanhados de instrumento de corda, seja um banjo ou uma viola. O Espaço Lõkahi – Casa do Carimbó, na vila de Fortalezinhaé todo elaborado na chamada bioconstrução, ou seja, com reaproveitamento de materiais encontrados na praia, na floresta, enfim no Arquipélago de Maiandeuá. O bar fica no meio do manguezal.



¹ MENEZES *apud* SALLES, 1969 p. 262-263.

Teço em bordado
um poema de águas,
de vidas,
na liquidez sonora de um espaço habitado.

Moara, abril de 2018